

## **A RESPONSABILIDADE DE ISRAEL**

Nasci em Tel Aviv, em 1944, de mãe e pai judeus cuja família foi praticamente exterminada pelos nazistas. Vivo há muitos anos no Brasil, um país que deveria ser valorizado pelo exemplo de convivência harmoniosa, não só entre árabes e judeus, mas entre comunidades de diversas origens religiosas e nacionais. A partir da criação do Estado de Israel, em 1948, muitos conflitos se sucederam matando, ferindo e mutilando milhares de pessoas. Prevaleceu a lógica do olho por olho, a violência como método de ação política, a intolerância e a destruição do outro como objetivo final. Rabin e Sadat, que tentaram mudar esta lógica, foram assassinados por seus compatriotas.

Nos primeiros anos do novo país, os Kibutzim, cooperativas onde ninguém acumula bens pessoais e todos compartilham da mesma forma os deveres e os benefícios da comunidade e tudo é decidido coletivamente, foram a base da atividade econômica nos territórios do novo país. Lembro-me que a vida era difícil, mas que havia um enorme espírito de solidariedade entre as pessoas e as famílias. Meus pais dividiam um pequeno apartamento (onde nasci) com um casal de amigos e sempre me falaram que foram os anos mais felizes de suas vidas. Foi uma infância muito feliz para mim também.

Hoje Israel tem uma economia capitalista que gerou muita riqueza (tem uma das maiores renda per capita do mundo), mas, ao mesmo tempo, muita desigualdade. A competição passou a ser a cultura dominante e os poucos Kibutzim que sobraram são compostos basicamente por pessoas que escolheram um modo de vida mais solidário e menos materialista.

Um dos meus maiores sonhos é presenciar a paz entre Israel, os palestinos e os países árabes. Infelizmente um novo conflito acaba de estourar com trágicas consequências humanas, tornando este sonho ainda distante. De novo, cada lado joga a culpa no outro. Todos são responsáveis, mas considero que a responsabilidade de Israel é maior, não por querer questionar as inúmeras justificativas que declara para defender suas ações, mas pelo fato de ser o mais forte. Israel é de longe o país mais forte militarmente e economicamente da região e tem como aliado incondicional os Estados Unidos, a maior potência mundial.

O mais forte, em qualquer circunstância, deveria ter maior responsabilidade. É assim com os adultos que deveriam ter muita responsabilidade com as crianças (suas e dos outros), os ricos em relação às pessoas mais pobres e carentes, a sociedade em relação aos idosos, os países prósperos e fortes em relação aos mais vulneráveis, os políticos com seu povo. É desta forma que se pratica a solidariedade, a justiça e os mandamentos do judaísmo, cristianismo e islamismo. O mais forte deveria ser exemplar, servir de referência e ser o mais solidário, ousado e generoso. O mais forte, em nenhuma circunstância, deveria usar a sua força para agredir e destruir o mais fraco, mesmo quando agredido (violência gera violência).

Não quero entrar na discussão interminável e inútil de quem tem mais razão. Mas acho que Israel, o país mais poderoso da região, poderia recuperar os ideais e o espírito de solidariedade e generosidade de seus primeiros anos. Assim teria a grandeza de quebrar o inútil ciclo da violência e não usar sua força e seu poder para matar e destruir, mas para perseguir, até obter, a paz na região.

**Oded Grajew, 70, é coordenador geral da secretaria executiva da Rede Nossa São Paulo e presidente emérito do Instituto Ethos. É idealizador do Fórum Social Mundial e idealizador e ex-presidente da Fundação Abrinq. Foi assessor especial do presidente da República (2003).**